



Miguilim

revista eletrônica do netli
volume 6, número 1, Jan.-Abr. 2017

DA ABUNDÂNCIA DAS LETRAS À ESCASSEZ DA COMIDA: O LETRADO E O NÃO LETRADO COMO IDENTIFICAÇÕES DA MASCULINIDADE EM *TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA E VIDAS SECAS*



FROM ABUNDANCE OF LETTERS TO SHORTAGE OF FOOD: THE LITERATE AND NOT LITERATE PERSON AS MASCULINITY IDENTIFICATIONS IN *TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA AND VIDAS SECAS*

George Patrick do NASCIMENTO
Roniê Rodrigues da SILVA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO
NORTE, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | OS AUTORES
RECEBIDO EM 12/02/2017 • APROVADO EM 12/04/2017

Abstract

The masculine gender notion was, sometimes, during the first 50 years of the Republic, in a symbolic battle between patriarchal ideologies and emancipation ideologies. The society was in stages of transformation, as well as the concepts of masculinization and feminization were

changing. Thus, according the historical discourse of Albuquerque Junior (2013), the man at the beginning of the Proclamation of the Republic, stigmatized as urban, southeastern and literate, was more prone to have social female characteristics, in social terms, than the rural, northeastern and illiterate man from the years 20, 30 and 40. To illustrate this premise, this work aims to analyze the identity construction of the characters Policarpo Quaresma (from the book *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, by Lima Barreto) and Fabiano (from the book *Vidas Secas*, by Graciliano Ramos), problematizing how these protagonists are examples of Brazilian men, whose education levels are, although different, ways to they suffer specific frustrations in their respective acting contexts.

Resumo

A noção de gênero masculino constituiu-se, por vezes, nos primeiros 50 anos da República, num embate simbólico entre ideologias patriarcais e ideologias de emancipação. A sociedade estava em vias de transformação e os conceitos de masculinização e feminização também se alteravam. Nesse sentido, conforme evidencia-se no discurso histórico de Albuquerque Júnior (2013), o homem do início da Proclamação da República, possuidor dos estigmas de cidadão, sudestino e letrado era mais propenso a características socialmente feminizadas do que o homem rural, nordestino e analfabeto das décadas de 20, 30 e 40. Para exemplificar essa premissa, este trabalho se propõe a analisar a construção identitária das personagens Policarpo Quaresma (da obra *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto) e Fabiano (da obra *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos), problematizando como estes protagonistas são exemplos de homens brasileiros, cujos níveis de escolaridade, apesar de distintos, são meios pelos quais os dois sofrem as suas específicas frustrações em seus respectivos contextos de atuação.

Entradas para indexação

Keywords: Identity. Representation. Gender. Masculinity.

Palavras-chave: Identidade. Representação. Gênero. Masculinidade.

Texto integral

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem o propósito de discorrer sobre as nuances de masculinidade que caracterizam as personagens Policarpo Quaresma, da obra *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, e Fabiano, da obra *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, considerando que ambos possuem certas aproximações e distanciamentos em suas respectivas representações de identidade masculina. A representação masculina, neste trabalho, trata-se de “uma regra de juízo que funciona como um operador dentro das culturas, sinalizando para o sujeito empírico o modo como deve experienciar-se” (NOLASCO, 2001, p. 36).

A análise da identificação dos referidos sujeitos se desenvolverá, enfaticamente, a partir do estigma da (des)intelectualidade que pesa tanto em um, quanto em outro protagonista. Desse modo, procura-se apresentar a relevância do aspecto do nível educacional de letramento que os citados personagens possuem, de forma a não negar que um será mais letrado/alfabetizado do que o outro.

Essa divergência em níveis de letramento será, inclusive, um forte fator para o desenvolvimento das peripécias de Policarpo Quaresma e Fabiano em suas específicas obras, de modo que o primeiro sujeito vai se configurar como sendo um homem mais letrado que, por se envolver demasiadamente com o mundo da leitura, dos estudos, sofrerá uma consequência/punição no desfecho de sua história; enquanto que Fabiano, completamente segregado do mundo das letras, terá também um final de certa forma penoso, decorrente, em parte, de não ter um grau de instrução ao menos satisfatório.

No fim deste estudo, poderemos perceber que Fabiano é construído artisticamente de maneira iletrada com o objetivo de evidenciar uma possível associação de sua identidade com a do “macho” nordestino, pertencente a uma sociedade patriarcal, num contexto em que as condições de sobrevivência são penosas, exigindo dele disposição para o trabalho físico em lugar do envolvimento com a cultura e o saber. Em situação oposta, Policarpo, embora também um exemplo de homem patriarcalizado, se configurará, dentro de uma relação de gênero, mais como um “macho” socialmente feminizado do que masculinizado, por estar justamente muito mais envolvido com o mundo passivo da leitura do que com o mundo ativo da ação física, do agir, do embrenhar-se em situações de embate, como se exige do personagem de *Vidas Secas*.

1 O HOMEM SUDESTINO, CIDADINO E LETRADO

Na obra *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (de 1911), temos como personagem principal o major que leva nome à obra. Policarpo Quaresma é um indivíduo que admira em demasia as possíveis qualidades do Brasil: costumes, história, a fauna e flora brasileira, entre outras simbologias patrióticas. Apesar de não se saber exatamente “onde nascera [...] Quaresma era antes de tudo brasileiro” (BARRETO, 2005, p. 9). O que se sabe é que ele era um residente da capital brasileira nos primeiros anos da República. Essa condição do protagonista é também uma representação crítica do modo de vida, quase que europeu, que muitas pessoas cidadinas estavam desempenhando naquela época, conforme nos esclarece Costa (2007, p. 423):

O nacionalismo de Policarpo Quaresma [...], as contradições e perplexidades que o atormentam, bem como o seu triste destino simbolizam o nacionalismo incerto e contraditório da nascente burguesia que se contrapõe ao “esnobismo” e às ânsias de europeização das elites tradicionais.

Especificamente sobre a cidade do Rio de Janeiro, nesse momento de revolução governamental, Sant'Anna (2013) também informa que os homens citadinos da capital brasileira, nas primeiras décadas do século XX, viviam em um ambiente mais confortável e com hábitos mais intelectuais e frívolos do que os homens históricos e rústicos que antecederam a história do país.

Em outras palavras, a crítica à narrativa barretiana revela que o homem republicano citadino estava configurado, segundo as postulações de Albuquerque Júnior (2013), como um tipo de homem socialmente feminizado, ou seja, que estava envolvido com práticas de reclusão, dentro de seus lares ou em outros ambientes fechados, que lhe possibilitavam ficar estudando, lendo e escrevendo, do que, simplesmente, engajado com as práticas tradicionais de exteriorização: de contato com outras pessoas, de trabalhos braçais, do esporte físico, enfim, de uma vivência mais naturalista e não meramente intelectual.

Sabe-se que o ato de estar inserido em um ambiente domiciliar esteve, por muito tempo, relacionado ao estilo de vida das mulheres, de modo que podemos inferir que a vida privada esteve caracterizando, forçosamente, o feminino, enquanto que a pública o masculino (BOURDIEU, 2016). Assim, alguns estudiosos eugênicos passaram a rotular todas as práticas que funcionassem de alguma maneira como um estilo de vida que ameaçasse a ordem tradicional do patriarcalismo como um processo de feminização da sociedade. Nesse sentido:

Estes discursos masculinos falam com temor de um alastramento do feminino pela sociedade, trazido pela abolição das fronteiras entre etnias e raças com a Abolição, pelo progressivo acesso ao mundo da política de parcelas da sociedade antes excluídas, com o advento da República, pela necessária ampliação do espaço social para a inclusão de novos grupos que emergiam com crescente influência e poder como: os comerciantes, os industriais, os operários, a classe média e, notadamente, as mulheres, surgidos todos com o processo de urbanização e industrialização, vistos como agentes principais neste processo de desvirilização da sociedade, trazido pela perda progressiva dos valores, sociabilidades e sensibilidades descritas como patriarcais. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 29).

Assim, segundo Albuquerque Júnior (2013), o termo “eugenia” está relacionado a um tipo de discurso de preservação em que alguns indivíduos das elites se fundamentavam para o mantimento dos valores tradicionais relacionados ao homem, à humanidade, a uma hierarquização social. Esse tradicionalismo patriarcal serviu como maneira de combater os avanços da sociedade, tentando construir tipos/figuras regionais, como foi o caso da construção do estereótipo do “macho” nordestino.

De uma maneira geral, os grandes acontecimentos mundiais e nacionais (como a Abolição da Escravatura, a Proclamação da República, a Primeira Guerra Mundial, entre outros) fizeram com que homens e mulheres perdessem muitos dos

seus atributos sociais anteriormente estereotipados, originando uma mistura que parecia estar culminando em um nivelamento dos gêneros por meio da modernização da humanidade e do modo de vida civilizatório.

Dessa forma, os homens vão perdendo muitas daquelas características preestabelecidas para eles desde épocas antigas, como a de serem reconhecidos como o sexo forte, um sujeito ativo, autoritário e que detém sozinho o controle da família, exercendo uma espécie de dominação sobre mulheres, crianças e até mesmo sobre outros homens (NOLASCO, 2001). Ainda segundo Nolasco, com o passar do tempo, o indivíduo do sexo masculino passou a viver mais para si mesmo (individualismo) do que para os demais integrantes de uma comunidade (coletividade), situação que também favoreceu para uma desestereotipização masculina.

Esses fatores ajudam a compreender a construção do homem cidadão republicano, a exemplo do personagem Policarpo Quaresma, que, por causa do contexto urbano em que estava inserido, teve mais facilidade para o acesso a uma instrução institucionalizada como a que se denota pelo mundo dos livros, prática da leitura, em oposição a uma identidade masculina retrógrada e que era marcada por uma rusticidade dos modos de ser.

Ao longo da história, Policarpo não vai sendo caracterizado como um homem violento, nem mesmo com as palavras. Mas ao contrário, ele era um homem muito erudito e refinado. Ele, de fato, vivia mais em uma esfera individualista, alimentando os seus sonhos e não o interesse público em geral. Esse isolamento do personagem em seu espaço domiciliar é exemplificado na passagem: “Nunca sofrera críticas, nunca se atirou à publicidade, vivia imerso no seu sonho, incubado e mantido vivo pelo calor dos seus livros. Fora deles, ele não conhecia ninguém [...]” (BARRETO, 2005, p. 34).

Esse tipo de comportamento marcado por um investimento na leitura pode ser considerado como um tipo de masculinização socialmente feminizada de Policarpo Quaresma (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013). Todavia, devemos entender que a masculinização é apenas uma das nuances do aspecto social da vivência humana, conforme nos explicita Oliveira (2004, p. 15, grifos do autor):

[...] a masculinidade articula e constitui um dos extratos da região do *socius*, esse espaço-processual ou processo-espacializante dinâmico, intangível, mas efetivo, que compreende todos os objetos da vida social (agentes, leis, instituições, símbolos, valores etc.), ao lado ou mesmo articulada a outros como nacionalidade, religião, profissão, grupos de *status*, posição de inserção social, região de origem, etnia, grupo de idade etc.

Claro que o aspecto social é de suma importância para a representatividade masculina, uma vez que homens e mulheres acabam desempenhando papéis sociais previamente esperados para eles (NADER, 2002). Contudo, são estes indivíduos que, na verdade, acabam selecionando os comportamentos e afinidades culturais que bem aprovarem para si. Desta feita, Policarpo quis ser, de fato, um exímio leitor,

bem como um habilidoso escritor. Dentro de um contexto patriarcal em que o entendimento da masculinidade relaciona-se com significações estereotipadas, ele era quase que um “almofadinha” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013). Assim, ele se torna uma pessoa letrada, ou seja, um sujeito que aprende a ler e a escrever e que constrói com o universo das letras e dos livros uma relação identitária.

Nesse sentido, Policarpo Quaresma representa um modelo de masculinização cuja construção identitária foge dos padrões que se espera de um homem patriarcalmente tradicional, ficando, assim, nas margens da estereotipização social masculina, uma vez que, normalmente, são exaltados entre as várias comunidades civilizatórias e masculinamente tradicionais do mundo, os atributos masculinos de força e de autoridade (NOLASCO, 2001). O comando, a pujança e até uma violência que caracterizam historicamente o sujeito masculino não se sobressaem no personagem de Lima Barreto, que não era considerado forte, nem mesmo no sentido físico/corporal, nem tinha alguma autoridade ou influência perante as demais pessoas, já que suas orientações e planos não são atendidos pelos seus superiores militares ou até mesmo pelo presidente Floriano Peixoto, aliás, nem mesmo pela maioria dos seus amigos e familiares, que o consideravam consensualmente como um pessoa esquisita ou como um grande visionário. Isso pode ser percebido, por exemplo, quando Policarpo dialoga com o marechal Floriano Peixoto em um certo momento do romance em questão:

– Mas, não é isso, marechal. Vossa Excelência, com o seu prestígio e poder, está capaz de favorecer, com medidas enérgicas e adequadas, o aparecimento de iniciativas, de encaminhar o trabalho, de favorecê-lo e torná-lo renumerador... Bastava por exemplo...

Atravessavam o portão da velha quinta de Pedro I. O luar continuava lindo, plástico e opalescente. Um grande edifício inacabado que havia na rua parecia terminado, com vidraças e portas feitas com a luz da lua. Era um palácio de sonho.

Floriano já ouvia Quaresma muito aborrecido. O bonde chegou; ele se despediu do major, dizendo com aquela sua placidez de voz:

– Você, Quaresma, é um visionário... (BARRETO, 2005, p. 109).

Nessa passagem, ilustra-se o quanto Policarpo Quaresma estava no mundo dos sonhos, enquanto que, na verdade, as pessoas com mais autoridade e poder do que ele, a exemplo do marechal Floriano Peixoto, não estavam necessariamente se dispondo a aceitar, com a mesma naturalidade, os ideais políticos construídos pelo referido patriota. Apesar de fazer sentido, os planos de Policarpo são fracos perante a vontade autoritária dos seus superiores. O comportamento do major pode ser considerado como transgressivo, ou seja, não coerente com a realidade, como se fosse um tipo de loucura. No referido trecho, a alegoria do prédio que está imaginativamente pronto e acabado e, ao mesmo tempo, incompleto em sua estrutura física, mostra justamente esse jogo de embate político-ideológico entre os interlocutores supracitados: o quanto as sugestões patrióticas de Policarpo eram

visionárias e, portanto, não condizentes com a realidade brasileira, ou seja, com os ideais da elite política, aqui representados pela figura do marechal.

Por outro lado, vale ressaltar que essa descrição de Policarpo como um homem dos estudos, das práticas de letramento, também pode corresponder a um tipo de ideologia valorativa que rotula, veladamente, o entendimento de que os sujeitos natos da região Sudeste são aqueles indivíduos mais intelectualizados do que as pessoas de outras regiões brasileiras, a exemplo do Nordeste. Esse argumento ou premissa negativa é validado, inclusive, neste trabalho de análise literária comparatista, em virtude do fato de Fabiano, da obra *Vidas Secas* (de 1938), ser um homem nordestino, pobre, sem títulos militares ou acadêmicos, sem status social e, principalmente, por ser um analfabeto que, por causa da sua falta de letramento, acaba sendo punido com infortúnios diversos.

Vejam, a seguir, alguns comentários a respeito deste último personagem masculinizado, que também é um exemplo de homem brasileiro cujos padrões de caracterização patriarcal/tradicional não são constantemente ou genericamente exaltados. Principalmente porque Fabiano não é exatamente um homem de autoridade ou vitorioso em suas ações, características essas também já apresentadas aqui sobre o protagonista barretiano.

2 O HOMEM NORDESTINO, RURAL E NÃO LETRADO

Fabiano é, praticamente, o oposto de Policarpo Quaresma em muitos sentidos. Ele é uma pessoa sem estudos, alguém que vive na miserabilidade, sujeito de poucas palavras, vaqueiro, homem do mato e pai de família. Todavia, os dois personagens se associam num quesito, visto que, quando fazemos uma análise da vida desses dois indivíduos, observamos que ambos são homens de certa forma fracassados, no que se refere ao modelo de masculinidade exigido pela sociedade patriarcal. Por outro lado, até certo ponto, o fato de Fabiano ter uma esposa e filhos talvez seja considerado como uma possível realização do papel social masculino tradicional esperado para a pessoa do sexo masculino. Papel esse não efetivado pelo major Quaresma, ainda que essa imposição de constituição familiar seja um fardo social desprestigiado sobretudo para as mulheres do que exatamente para os homens (MAIA, 2007).

Mas, se por um lado o personagem Fabiano poderia ser considerado como uma representação identitária masculina mais evidente do que Policarpo Quaresma, pelo fato de constituir família, acaba sendo, em contrapartida, menos percebido como um ser humano propriamente dito do que o referido personagem barretiano. A invisibilidade de Fabiano vai se delineando por diversos fatores, a maior parte deles decorrentes, claro, de sua condição social, de uma vida vivida em condições de pouco, a qual vai fazendo com que ele, ao longo da narrativa, sofra um processo de animalização. Interessante notar que o personagem de Graciliano Ramos não possui nem mesmo um sobrenome como normalmente tem a maioria das pessoas civis. Ele é apenas designado por “Fabiano”, enquanto que Policarpo, além de possuir um sobrenome (Quaresma), também é reconhecido por um título militar (major), ou

seja, ele tem uma relevância social, um certo status em sua comunidade. Nesse sentido, o protagonista da narrativa de Lima Barreto acabaria também oscilando em uma representação de um homem socialmente masculinizado, já que ele é detentor de um título, o qual lhe denotaria alguma importância.

Na verdade, esses são alguns dos muitos recursos literários presentes na figurativização da miserabilidade do protagonista de *Vidas Secas*. Essa condição social e de marginalidade própria de Fabiano e das demais personagens principais da obra de Graciliano Ramos, bem como de outras personagens dos muitos autores do Romance de 30, são justamente uma maneira de fazer oposição ao período político e histórico brasileiro daquela época em que viviam seus escritores:

As obras desse tipo de produção literária caracterizam-se por darem uma forte importância às questões sociais, que estavam em pauta naquele momento político conturbado, uma vez que, na década de 1930, Getúlio Vargas inaugurava o “Estado Novo” e o mundo assistia ao crescimento do socialismo na União Soviética, no período entre guerras. Os romances tiveram, dentre outras funções, a de denunciar as desigualdades e as injustiças sociais, através de relatos emocionantes e particulares de cada autor. (OLIVEIRA; SILVA, 2016, p. 97).

De fato, o enredo que envolve a jornada de Fabiano é repleto dessa desigualdade social e de injustiças. Os outros homens com alguma autoridade exercem sobre ele uma relação de poder, como é o caso do patrão (um dono de terras) e do Soldado amarelo (um representante militar do Governo). Porém, essa dominação não ocorre de forma respeitosa ou obedecendo aos estatutos legais, mas, sim, caracterizada por uma série de injustiças: Fabiano é roubado pelo patrão que faz contas matemáticas que ele não consegue compreender e é espancado e preso pelo soldado amarelo simplesmente por ele (o soldado) ter perdido em um jogo de azar quando este estava em parceria com Fabiano.

Enfim, além dessas injustiças sofridas, Fabiano ainda é assolado por problemas relacionados ao seu ambiente de vivência. A seca é a pior inimiga natural que contribui para a infelicidade do referido vaqueiro. O homem e a família, além de nordestinos, são também sertanejos. São indivíduos retirantes que buscam um local para se fixarem de vez, para chamarem de lar, para viverem feito uma família normal. Nessas andanças em busca dessa “terra prometida”, eles acabam encontrando moradia e trabalho nas terras do mencionado “patrão”. Só que a vida deles, que parecia ter encontrado estadia e sossego, é novamente abalada pela seca que historicamente assola a localidade. Com a falta de água, os bichos morrem, a paisagem se transforma, a vida em condições de pouco fica ainda mais difícil e eles (Fabiano, esposa e filhos) são forçados a fugir escondidos do patrão, em mais uma jornada tristemente desafiadora pelas trilhas da caatinga.

Todas essas dificuldades enfrentadas por Fabiano servem, na verdade, para o masculinizarem socialmente, em ideologias patriarcais. Porque as ideias de resistência, de ignorância e de uma possível bravura eram mais esperadas em

estereótipos masculinos do que femininos de representação do indivíduo. Essa ideologia de “macho” nordestino foi fortemente promulgada, inclusive, na literatura, durante a primeira metade do século XX, conforme nos explicita o historiador Albuquerque Júnior (2013, p. 226):

É na reação a este mundo moderno, que parecia querer embaralhar as fronteiras entre os gêneros, que vinha feminizando perigosamente a sociedade e a região, e vinha provocando a desvirilização dos homens e a masculinização das mulheres, que o nordestino é inventado como um tipo regional destinado a resgatar padrões de masculinidade que estariam em perigo, um verdadeiro macho capaz de restaurar o lugar que seu espaço estava perdendo nas relações de poder em nível nacional. Buscando no passado os seus modelos, esse homem seria a única personagem capaz de reescrever a história desse espaço, dando a ela um novo rumo.

Essa representação identitária do gênero masculino foi construída a partir de ideologias patriarcais que almejavam enfrentar/combater as ideologias de emancipação que ocorriam na sociedade brasileira, principalmente a partir da Proclamação da República. O homem brasileiro havia perdido alguma coisa de seus valores de masculinidade com o advento do sistema político republicano, já que a própria República, em si, era como se fosse uma representação da feminilidade, bem como da liberdade e igualdade entre homens e mulheres, mesmo que de forma simbólica. Simbólica porque as mulheres, em termos históricos, ainda continuavam sendo marginalizadas e reclusas aos seus ambientes domésticos:

Enquanto o indígena foi o símbolo dileto do Império, a partir da República seria a figuração de uma mulher heroica que roubaria a cena. Nos anúncios de produtos em jornais, ou mesmo nas imagens oficiais, era agora a figura feminina que representava a República. [...] no Brasil a alegoria fracassou, mesmo em sua versão positivista, espelhada em Clotilde de Vaux: poeta e escritora francesa, musa de Augusto Comte, que o teria inspirado na criação de sua “Filosofia da Humanidade” e logo se transformara em símbolo republicano. Já por aqui, as mulheres continuavam em casa, com vestimentas que lhes cobriam o corpo inteiro, e sem direito a participação política. (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 319).

Sendo assim, como as mulheres ainda continuavam sem uma manifestação expressiva na sociedade, a possível preocupação dos intelectuais eugênicos e patriarcais das primeiras décadas da República brasileira era justamente com a crescente feminização social do homem. Portanto, a tentativa de estabelecer esse tipo de imagem de valorização do sujeito nordestino surgiu pela necessidade de construção de uma representação de um povo forte, uma raça imponente que pudesse combater os “problemas sociais” que estavam deturpando as leis eugênicas, ou seja, a ordem e a tradição cultural de paradigmas constitutivos da realidade local

e regionalista estabelecidos pelas gerações patriarcais passadas. Intelectuais nordestinos, embasados em conhecimentos científicos eugenistas, se aproveitaram também da literatura para elaborar essa figura do “macho nordestino”, o qual se apresentava preferencialmente no personagem sertanejo, resistente aos obstáculos de uma vida difícil nas terras áridas e secas do Nordeste.

A obra *Vidas Secas* seria um ótimo exemplo desse processo intelectual/literário criado em torno de uma representação estereotipada da masculinidade. Durante todo o texto, Fabiano é apresentado como um exemplo arquetípico de homem nordestino, ou seja, aquele homem telúrico (determinado pelo meio natural) e rústico. Por isso caracterizado como sendo de poucas palavras e muito trabalho, sujeito que gosta de viver cuidando de bichos e da agricultura.

Fabiano talvez se configure, então, como sendo mais “macho” do que Policarpo, em virtude de ele sofrer em demasia os danos da violência em seu próprio corpo. A surra injustificável que ele leva do soldado amarelo, a dor que experimenta na própria pele, o desconforto de sentir o escaldante calor do sol na época da seca, aliados à sede e à fome, vão fazendo dele um ser humano resistente, como o verdadeiro macho deve ser. No desenrolar da história, seus pés sofrem nas terras áridas, irregulares, apedregulhadas e cheias de espinhos próprios de uma vegetação tipicamente nordestina, como é a caatinga. Fabiano também chega a suportar o cheiro podre de carniça, em virtude dos animais mortos que surgiam em suas jornadas na secura sertaneja. Enfim, experimenta uma trajetória de dor física e espiritual.

A respeito da resistência do corpo e sua associação com o universo do masculino, Nolasco (2001, p. 34) informa que, no passado, a construção da relevância social de um homem, por exemplo, do tipo caçador ou guerreiro, dependia de como ele usava o seu próprio corpo, de forma que esse “corpo era expressão do seu espírito”. Portanto, a forma como alguém aguenta a dor, principalmente física, é um tipo de rito de manifestação e reconhecimento da masculinização de um homem.

Em outras palavras, Fabiano é uma representação do masculino tradicional em virtude de ter sofrido danos físicos e mentais em sua própria corporeidade, seja por indivíduos humanos ou pela própria natureza, e de tê-los suportado. Por essa razão que, mesmo sofrendo tudo isso e tendo um fim sem esperanças e sem felicidade, ele sobrevive ao fim de sua narrativa, enquanto que Policarpo acaba morrendo após todas as frustrações sofridas.

Além disso, o desapego com o mundo da leitura ou dos estudos é mais uma descrição comportamental de valorização de um estereótipo masculino patriarcal, pois o homem que estudava em demasia era visto como um indivíduo feminizado socialmente. Assim, Fabiano era masculinizado também pelo fato de ser um sujeito analfabeto, iletrado, enfim, que não pertencia ao universo das letras.

O personagem de Graciliano Ramos é completamente avesso ao mundo da leitura, porém, sua condição de sujeito analfabeto por si só não justificaria isso, visto que ser analfabeto não é indício suficiente para se dizer que alguém não é praticante de letramento. Soares (2014, p. 24) nos esclarece que:

Assim, um adulto pode ser analfabeto, porque marginalizado social e economicamente, mas, se vive em um meio em que a leitura e a escrita têm presença forte, se se interessa em ouvir a leitura de jornais feita por um alfabetizado, se recebe cartas que outros leem para ele, se dita cartas para que um alfabetizado as escreva (e é significativo que, em geral, dita usando vocabulário e estruturas próprios da língua escrita), se pede a alguém que lhe leia avisos ou indicações afixados em algum lugar, esse analfabeto é, de certa forma, letrado, porque faz uso da escrita, envolve-se em práticas sociais de leitura e de escrita.

No caso do protagonista de *Vidas Secas*, sabe-se, com plena certeza, que ele não era praticante de letramento, mas analfabeto e iletrado de fato. O máximo que ele fazia era admirar o bem falar de duas personagens incógnitas citadas no romance: Seu Tomás da bolandeira e Sinhá Terta. Essas personagens, que aparecem apenas aludidas na narrativa, são admiradas por Fabiano simplesmente por saberem falar bem, quase tão bem quanto as pessoas da cidade. Uma admiração apenas do ato de reverenciar esses indivíduos, mas não uma admiração que o possa instigar na prática dos mesmos hábitos de erudição ou de tentar falar de forma tão bem elaborada quanto as outras pessoas. Quando Fabiano ainda tenta usar as palavras do Seu Tomás da bolandeira, em uma certa ocasião da história, essa tentativa de repetição do discurso alheio ocorre de forma imprecisa e desconexa, sem sentido algum ao contexto comunicativo. Como no trecho:

- Como é, camarada? Vamos jogar um trinta-e-um lá dentro?
- Fabiano atentou na farda com respeito e gaguejou, procurando as palavras de seu Tomás da bolandeira:
- Isto é. Vamos e não vamos. Quer dizer. Enfim, contando, etc. É conforme. (RAMOS, 2007, p. 28).

Nessa passagem, evidencia-se o baixo nível de desenvoltura comunicativa de Fabiano. Além disso, deve-se ressaltar, mais uma vez, que ele não tem nenhum contato com a escrita. Ele não ouve alguém ler livros, não dita textos para serem escritos. O personagem é, na verdade, muito calado, diz poucas palavras, elabora poucas frases, grunhidos que lembram os sons de algum bicho da fauna sertaneja. Algumas são as passagens que mostram esse aspecto da ignorância de Fabiano na obra de Graciliano Ramos: “Fabiano dava-se bem com a ignorância”; “era bruto, sim senhor, nunca havia aprendido, não sabia explicar-se”; “enfim, como não sabia ler (um bruto, sim senhor), acreditava na sua velha” (RAMOS, 2007, p. 22, 35 e 95).

Nesses trechos, além de ficar evidenciado o nível de escolaridade de Fabiano, também fica constatado o nível de submissão estigmatizada nele, ou seja, mesmo sendo um homem, ele não exerce autoridade nenhuma para com as demais pessoas. A repetição do “sim senhor” mostra essa relação de obediência e rebaixamento que ele desempenha ao longo da trama da narrativa. Talvez aqui fique também

evidenciado um aspecto oposto de masculinização social do protagonista em análise, uma vez que Fabiano além de ser submisso ao patrão, ao soldado, aos agentes da prefeitura, também, por vezes, é submisso a uma mulher, a saber: sua esposa. Nesse ponto, ele já passa a convergir para um tipo de feminização social.

Aqui é cabível mencionar que Fabiano tem em alta estima a figura da própria esposa (Sinha Vitória). Ele a admira mais do que todas as outras pessoas. Acredita que a mulher seja muito inteligente, mesmo que a inteligência dela, em termos de escolaridade, se limite a fazer contas matemáticas unicamente com sementes de várias espécies. O homem a admira pelas ideias e resoluções que ela consegue processar, enquanto que ele não tem a mesma capacidade. É como se Sinha Vitória fosse a parte inteligente de Fabiano, como se ela fosse sua mente, sua razão.

De toda maneira, do mesmo jeito que Policarpo Quaresma acaba sendo punido em sua narrativa por seu incrível nível de ingenuidade, mais do que isso, pelo exagero da prática de letramento, da intelectualidade que ele exercia, Fabiano também é punido em sua história de vida por atitudes claramente opostas. Ele, por ser um sujeito exageradamente sem contato com a prática de letramento, acaba, involuntariamente, sofrendo as consequências de sua miserabilidade tanto econômica, social quanto intelectual (em nível de escolaridade). É ele mesmo quem sugere ser por causa de sua ignorância, de sua falta de estudo, o motivo pelo qual ele sofre tais perseguições e tais castigos em sua vida. Como no trecho:

[...] Estava preso por isso? Como era? Então mete-se um homem na cadeia porque ele não sabe falar direito? Que mal fazia a brutalidade dele? Vivia trabalhando como um escravo. Desentupia o bebedouro, consertava as cercas, curava os animais – aproveitara um casco de fazenda sem valor. Tudo em ordem, podiam ver. Tinha culpa de ser bruto? Quem tinha culpa?

Se não fosse aquilo... Nem sabia. O fio da ideia cresceu, engrossou – e partiu-se. Difícil pensar. Vivia tão agarrado aos bichos... Nunca vira uma escola. Por isso não conseguia defender-se, botar as coisas nos seus lugares. O demônio daquela história entrava-lhe na cabeça e saía. Era para um cristão endoidecer. Se lhe tivessem dado ensino, encontraria meio de entendê-la. Impossível, só sabia lidar com bichos. (RAMOS, 2007, p. 35).

Essa passagem mostra a única possível explicação que o próprio Fabiano consegue articular, com certa dificuldade, para poder ter sido preso injustamente por um representante do Governo: que é o fato de ele ser analfabeto. Nota-se que o vaqueiro não sofre em silêncio ou aceita positivamente o que se passa com ele. Ele se amargura, ele reclama. Em outras palavras, ele é alguém que se reconhece como um homem simples, um homem rural, que sabe qual é o seu lugar, mas que também murmura sobre suas infelicidades, sobre sua vida difícil de homem sem estudos e de trabalhos relacionados à pecuária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tanto Policarpo Quaresma quanto Fabiano são exemplos de personagens masculinas, ora socialmente feminizadas, ora socialmente masculinizadas. Claro que as recorrências genéricas de masculinidade vão se fazer mais presente em Fabiano do que em Policarpo. Isso porque o tempo todo na obra de Graciliano Ramos é mostrado um Fabiano forte, resistente, no sentido unicamente físico. Inclusive, na cena em que está diante do Soldado amarelo, o narrador esclarece que Fabiano poderia desmanchar o soldado em um “tabefe” de tão franzino que esse personagem era. Só que as características físicas do protagonista de *Vidas Secas* não estão em sintonia com seus comportamentos de interação com as demais personagens. Ele, a todo instante, se coloca em estado de subalternação, não reagindo, mesmo quando tem condições para fazê-lo. Por isso não mata o soldado amarelo ou lhe dá uma surra quando surge a oportunidade e não responde com brutalidade ao patrão. Enfim, ele é biologicamente alguém forte, até mesmo para conseguir sobreviver perante as terríveis condições da seca, mas se comporta como alguém fraco perante indivíduos com alguma autoridade e poder.

Policarpo, assim como o mencionado soldado amarelo da obra de Graciliano Ramos, é um militar franzino, cujos atributos físicos não são exaltados ou ao menos evidenciados. Pelo contrário, ele é descrito como “um homem pequeno, magro” (BARRETO, 2005, p. 8), que usava óculos e que era meio esquisito. Portanto, o seu forte não está no físico, e sim na sua intelectualidade, a qual acaba por se transformar também na sua maior fraqueza no desenrolar da narrativa.

Embora de direito seja a representação da autoridade, já que ocupa a posição de major, de fato não consegue impor-se como um sujeito que ocupa tal posto. Na verdade, o que acaba acontecendo é que outros indivíduos, com mais autoridade e poder que ele, surgem na narrativa para frustrar os seus ideais. Nesse quesito, tanto Policarpo quanto Fabiano possuem um ponto em comum: eles sofrem diversas infelicidades em suas respectivas narrativas em virtude da falta de reação/poder perante os demais sujeitos.

Nesse sentido, ambos são homens aparentemente fracassados, ou seja, que não são exatamente modelos esperados para uma representação masculina tradicional em uma sociedade patriarcal. Todavia, ainda assim, constituem-se como representações másculas no sentido de manterem uma ideal de esperança perante as frustrações de suas vidas. Sendo que, infelizmente, essa esperança é totalmente mortificada no desfecho de *Triste Fim de Policarpo Quaresma* e duvidosa de concretização no fim de *Vidas Secas*.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Nordestino**: invenção do “falo” – uma história do gênero masculino (1920-1940). São Paulo: Intermeios, 2013.

BARRETO, Lima. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. São Paulo: DCL, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. 3. ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2016.

COSTA, Emília Viotti da. **Da monarquia à república**: momentos decisivos. 8. ed. São Paulo: UNESP, 2007.

MAIA, Cláudia de Jesus. **A invenção da solteirona**: conjugalidade moderna e terror moral – Minas Gerais (1890-1948). 2007. 319 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

NADER, Maria Beatriz. A condição masculina na sociedade. **Dimensões – Revista de História da UFES**, Vitória, n. 14, p. 461-480, 2002.

NOLASCO, Sócrates. **De Tarzan a Homer Simpson**: banalização e violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

OLIVEIRA, Ailton Monteiro de; SILVA, Carlos Augusto Viana da. A adaptação de Vidas Secas para as telas e a construção da personagem Sinhá Vitória. In: PEREIRA, Jaquelânia Aristides; SILVA, Maria Valdênia (Org.). **Literatura e outras linguagens**. Campina Grande: Bagagem, 2016. p. 93-105.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte: UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. 103. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Masculinidade e virilidade entre a Belle Époque e a República. In: PRIORE, Mary del; AMANTINO, Marcia (Orgs). **História dos homens no Brasil**. São Paulo: UNESP, 2013. p. 245-266.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

Para citar este artigo

NASCIMENTO, George Patrick do; SILVA, Roniê Rodrigues da. Da abundância das letras à escassez da comida: o letrado e o não letrado como identificações da masculinidade em Triste fim de Policarpo Quaresma e Vidas secas – **Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 6, n. 1, p. 151-164, jan.-abr. 2017.

Os autores

[George Patrick do Nascimento](#) é licenciado em Letras pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG (2013) e mestrando em Letras; linha de pesquisa: Texto literário, crítica e cultura pelo Programa de Pós-graduação em Letras – PPGL, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN.

[Roniê Rodrigues da Silva](#) é doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN (2010). Professor adjunto do Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN.